

REVISTA *A MENSAGEIRA*: ASCENSÃO DA MULHER NO UNIVERSO LETRADO

KNAPP, Cristina Loff¹

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de investigar o papel da revista *A Mensageira* na divulgação da escrita de autoria feminina no Brasil do século XIX. Para tanto, a fim de trazer à tona o resgate de vozes não consagradas pela historiografia literária tradicional, nosso *corpus* de estudo são os escritos das autoras Julieta de Mello Monteiro e Áurea Pires, poetisas e colaboradas do periódico. Assim, será demonstrada a riqueza de seus escritos, que tiveram a intenção de alinhar-se a poesia pós-romântica. Fato esse inovador uma vez que eram raros os poemas escritos por mulheres. A discussão é baseada nos Estudos Culturais de Gênero e na escrita das mulheres na imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais de Gênero; Autoria feminina; Revista *A Mensageira*; Resgate de escritoras.

A MENSAGEIRA MAGAZINE: ASCENSION OF WOMEN IN THE LETTERED UNIVERSE

ABSTRACT: The aim of this paper is to investigate the role of *A Mensageira* magazine in the dissemination of Brazilian women's writings in the nineteenth century. Thus, in order to value these forgotten voices that were marginalized by the traditional literary historiography, our *corpus* is the literature produced by Julieta de Melo Monteiro and Áurea Pires, poets who integrated the publication. The richness of their literary production is demonstrated, as the referred authors attempted to align their work to post-romantic poetry. This is an innovative aspect, considering that poems written by women were rare. The discussion is based on theoretical approaches in Gender and Cultural Studies and on women's writings in the press.

KEYWORDS: Gender and Cultural Studies; Female authorship; *A Mensageira* Magazine; Revival of women writers.

¹ Universidade de Caxias do Sul- UCS, Doutora em Literatura Comparada (UFGRS), Professora no Curso de Letras, na Universidade de Caxias do Sul, clknapp@ucs.br



INTRODUÇÃO

Faz-se necessário remover a mulher da posição de obscuridade em que ela se tem mantido por séculos nos livros e compêndios tradicionais da história. Afinal sem ela a história mesmo como tem sido escrita em seu sentido mais amplo e convencional, fica incompleta e, inevitavelmente, incorreta.
(ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 15).

É interessante discutirmos a seguinte afirmação: isso é coisa de mulher? Como assim? O que pode ser classificado, hoje em dia, como “coisa de mulher”? Será que realmente existem ações ou tarefas que podem ser designadas por gênero? Em séculos passados, no Brasil, esse pensamento era comum. Afazeres domésticos eram coisas de mulher, assim como atividades braçais, envolvendo força e agilidade coisas de homem. Contudo, muito se evoluiu e ainda se precisa evoluir, nessas discussões. Houve conquistas, porém, por muito tempo as mulheres tiveram suas vozes silenciadas e seus nomes foram apagados de muitas histórias. O movimento feminista foi uma das formas de dar voz a esse silenciamento.

A palavra feminismo nem sempre pode ser pensada em relação à ideologia política. Heloísa Buarque de Hollanda na introdução à obra *Tendências e impasses* (1994) pondera que

ainda que o feminismo como ideologia política possa ser identificado desde o século XIX, é nestas duas últimas décadas, exatamente num momento em que se fala, de forma categórica, sobre o “fim da ideologia” e sobre a ineficácia dos discursos contestatórios, que o pensamento feminista surge como novidade no campo acadêmico e impõe-se como tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político. (HOLLANDA, 1994, p. 07).

Mesmo com todas as adversidades, as mulheres foram conquistando espaço na sociedade e se manifestando por meio da escrita. No século XIX, havia periódicos dedicados à mulher. O conteúdo era desde o cuidado com os filhos, os afazeres domésticos, receitas e até as conquistas femininas, como movimentos sociais. Questionava-se a identidade feminina, sua condição, sua representação na sociedade, enfim o feminismo começava a ser discutido e a escrita feminina a obter representação.

Já no século XX, houve trabalhos importantes no sentido de resgatar a produção literária feminina silenciada no passado, por exemplo, a inauguração da Editora Mulheres, em 1995, que passou a funcionar realmente em 1996, a partir da edição e do lançamento do seu

primeiro livro. A Editora foi idealizada e fundada por Zahidé Lupinacci Muzart, professora aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outras duas professoras, Elvira Sponholz e Suzana Funck. Logo foi atrelada ao Grupo de pesquisa da Anpoll *A Mulher na Literatura*. A editora foi de fundamental importância para o resgate das publicações de autoria feminina do século XIX. Infelizmente, em 2015, após o falecimento de sua grande idealizadora, Zahidé Lupinacci Muzart, a editora fechou suas portas. Contudo, ainda é possível encontrar os livros publicados, em algumas livrarias, e continuar o estudo sobre as vozes silenciadas no século XIX. Hoje se faz um resgate dessas publicações, e passamos a conhecer a riqueza dessas escritoras que tiveram grande relevância no seu período.

A ESCRITA DE AUTORIA FEMININA

A posição almejada para a mulher no século XIX era de alguém submissa ao marido, com um papel de destaque na organização do lar burguês. Essa nova configuração da sociedade fez com que as mulheres e, principalmente, as moças, passassem a ter uma educação que ia além dos cuidados com o lar e a educação dos filhos.

Como a sociedade passou a se estruturar de modo diferente, alguns movimentos ganharam força, como o movimento feminista. E, dessa forma, a mulher passou a reivindicar o seu papel na sociedade, não somente como mãe, obediente ao marido e com a função de criar e educar os filhos, no entanto, como alguém com direito de trabalhar, de expor seus pensamentos, de escrever. Telles (2004) argumenta que

O discurso sobre a “natureza feminina”, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas, quando “usurpadora” de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal. Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse mesmo caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição. (TELLES, 2004, p. 402).

Com a produção escrita não foi diferente. O espaço primordialmente masculino foi cedendo à escrita feminina. A expressão literária feminina no século XVIII, como vimos acima na citação de Telles, não foi muito profícua e muitas publicavam sob um pseudônimo. Todavia,

ressalta-se que houve bons escritos e de qualidade. Algumas optavam por viver reclusas, dedicando-se à vida religiosa e, de certa forma, conseguiam escrever. Perrot (2008) salienta que os conventos “eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação” (PERROT, 2008, p. 84), embora, o saber que estava disponível era construído a partir da visão masculina. O homem, na maioria das vezes, era o autor dos romances e outros escritos que chegavam até às mulheres. “As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina” (TELLES, 2004, p. 341).

A escrita de autoria feminina geralmente não faz parte do cânone literário e não integra a historiografia literária. As escritoras tiveram inúmeras dificuldades para publicar e para serem aceitas. Muitas publicavam com um pseudônimo masculino a fim de evitar a exposição pública e a forte crítica aos seus escritos. Constância Lima Duarte (1997) evidencia que as escritoras mulheres publicavam contos, poemas, romances, mas dificilmente crítica literária, essa ficava para os homens. Em suas palavras:

Uma rápida pesquisa revela como essa crítica masculina [...] via um texto de mulher e assinala a recorrência de algumas posições, como a atribuição de um estatuto inferior à mulher escritora (com raras exceções); o constrangimento em apreciar textos escritos por mulheres; a recomendação de formas literárias mais “adequadas” à “sensibilidade feminina”, como os romances sentimentais e os de confissão psicológica; a surpresa diante da representação masculina em determinados textos, em tudo diferente do estereótipo do homem viral, forte e superior dos escritos de autoria feminina. (DUARTE, 1997, p. 58).

Por isso, é de suma relevância o resgate da autoria feminina do século XIX, a fim de conhecer as escritoras que não tiveram lugar nos manuais de História da Literatura, escritos, em muitos casos, por homens. Escrita essa que não tem nada de sensível ou superficial, muito pelo contrário, está em perfeita consonância com as publicações masculinas do século XIX.

A IMPRENSA FEMINISTA

Alguns periódicos do século XIX, os quais publicavam artigos de autoria feminina, também passaram a ser dirigidos por mulheres. Claro que tudo foi um processo lento. Isso teve grande

relevância na discussão dos direitos e na luta pela igualdade de gênero, assuntos esses que antes ficavam em cartas, foram ganhando o público. No entanto, muitas recebiam críticas ferozes na própria imprensa.

Cabe aqui ressaltar que circulavam publicações com o viés feminista e com o feminino. Zolin (2009) informa que as publicações feministas tinha a intenção de militar pelos direitos das mulheres. Já as de caráter feminino ressaltavam um conjunto de características próprias da mulher, ou seja, cuidados com o cabelo, dicas culinárias, de moda entre outras. O foco não era a luta pela igualdade entre os sexos, mas sim se dedicar as chamadas “coisas de mulher”.

A imprensa brasileira só teve seu início no século XIX, “por ocasião da instalação da imprensa régia” (SANTOS, 2019, p. 65). A proliferação dos periódicos nos anos seguintes decorreu da discussão do processo de independência no país. Em vista disso, as publicações dirigidas à mulher e escritas por mulheres começaram a ganhar força. Muzart (2003) afirma que

quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta. O direito à educação era, primordialmente, para o casamento, para melhor educar os filhos, mas deveria incluir também o direito de frequentar escolas, daí decorrendo o direito à profissão. E mais para o final do século, inicia-se a luta pelo voto. (MUZART, 2003, p. 226).

Todas essas lutas foram ganhando espaço na imprensa feminista, conforme informações de Buitoni (1986) *O espelho diamantino*, que foi publicado pela primeira vez em 1827, no Rio de Janeiro, teria sido um dos primeiros periódicos brasileiros dedicados ao público feminino. A partir dessa publicação surgiram várias outras, não cabe aqui enumerá-las, todavia frisamos que, além da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, o Rio Grande do Sul teve especial destaque com a publicação do jornal *O Corymbo* (1883 até 1943). O periódico circulou por 60 anos. Eram responsáveis por ele as irmãs Julieta de Mello Monteiro e Revocata Heloísa de Mello, também colaboradoras da revista *A Mensageira*, foco de nosso estudo. As irmãs Mello tiveram uma vasta produção literária, desde contos, poesias, crônicas até teatro. Destacaram-se, também, suas publicações na imprensa, em jornais e revistas.

A revista *A Mensageira* merece destaque entre as publicações da imprensa feminina no século XIX. Circulou em São Paulo entre os anos de 1897 e 1900. Sua editora era Presciliana Duarte de Almeida. Foram 36 edições publicadas entre 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898 com periodicidade quinzenal; de fevereiro de 1899 a janeiro de 1900 mensalmente. A

revista *A Mensageira* divulgava escritos literários e discussões sobre o feminismo, a emancipação feminina. Em 1987, a Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo publicou uma edição fac-similar da revista em dois volumes, proporcionando o resgate desse material. Ressaltamos que em nossa pesquisa utilizamos essa edição. Zinani (2019) informa que:

A *Mensageira* não circulava apenas no Brasil, também era encontrada em Paris, sob a responsabilidade de Madame Blanche Xavier de Carvalho, bem como no Chile. Nesse país, o literato chileno sr. Clemente Barahona Veja traduziu um artigo sobre a intelectualidade feminina brasileira, para publicar na única revista literária dedicada às mulheres desse país, *La mujer de Curicó*. (ZINANI, 2019, p. 18).

A Mensageira contava com trinta e três mulheres colaboradoras, sendo que dessas apenas dezenove poder-se-ia dizer eram as mais assíduas na revista. Vale lembrar que homens também tinham seus textos publicados no periódico. Costa (2012) pondera que a importância da revista estava justamente no fato de defender a educação para as mulheres, assim como o voto, todavia, não deixando no esquecimento o papel de mãe e esposa. Rosana Cássia Kamita (2004) discorre sobre *A Mensageira*:

A revista *A Mensageira* preocupava-se em defender uma educação de qualidade para as mulheres. A princípio os textos eram fundamentados em argumentos que de certa forma corroboravam com o preconceito em relação à mulher, ou seja, a educação feminina era defendida porque assim ela teria condições de exercer com maior competência seu papel de mãe e criar filhos que seriam melhores cidadãos. Em um segundo momento, no entanto, os argumentos pautavam-se na necessidade de uma educação à mulher que lhe permitisse participar do mercado de trabalho, ideal partilhado por muitas feministas da época, que consideravam esse o caminho para a autonomia feminina econômica e intelectual. (KAMITA, 2004, p. 164).

O primeiro número da revista circulou no dia 15 de outubro do ano de 1897. Todavia, no ano de 1898, sofreu uma interrupção, em decorrência do falecimento do filho de sua diretora, Presciliana Duarte de Almeida. A revista teve a publicação retomada em fevereiro de 1899. Conforme Zinani (2019, p.17) “a revista manteve o mesmo preço 12\$000 (doze mil-réis) para

a assinatura anual, pagos antecipadamente, ou 1\$000 (hum mil réis) para o número avulso”. Ainda sobre o primeiro número, transcrevemos a linha editorial da revista, na coluna “Duas Palavras”, assinada pela sua diretora Presciliana Duarte de Almeida:

Estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos². (ALMEIDA, 1987, p. 01).

A seriedade da revista deu-se pelo fato de não constar em sua publicação piadas ou outras discussões que eram exclusivamente do universo feminino. O ideal da revista *A Mensageira* fica bem claro, como já mencionado em seu primeiro número pela diretora da revista e por uma das suas ilustres colaboradoras Júlia Lopes de Almeida:

Esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, a reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturaes. Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a familia, sem detrimento do trabalho do homem. (ALMEIDA, 1987, p. 4-5).

Dessa forma, percebe-se o quão profícua foi a revista *A Mensageira*, como exemplo de luta pelos direitos das mulheres, como também divulgadora da escrita feminina e incentivadora dos escritos que poderiam servir de exemplo para outras, como afirmou Presciliana Duarte de Almeida, na coluna “Duas palavras”, de 15 de outubro de 1897, no primeiro número:

Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas paginas com as suas producções admiráveis e bellas; que as que começam a manejar a penna, ensaiando o vôo altivo,

² As citações retiradas da revista *A Mensageira* serão transcritas de acordo com a grafia original e foram retiradas da edição fac-similar publicada pela Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 1987.

procurem aqui um ponto de apoio, sem 'o qual nenhum talento se manifesta.
(ALMEIDA, 1987, p. 2).

Com isso, evidencia-se que não somente escritoras já consagradas ou que já tinham contribuído em outros periódicos colaboravam com a revista, mas também estreantes. Entre as colaboradoras estavam Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara da Cunha Santos, Julieta de Mello Monteiro e Revocata Heloísa de Mello³, Áurea Pires entre tantas outras. Eram trinta e três as chamadas mensageiras, vozes que se pronunciavam na revista, seja na escrita de um artigo, uma crônica ou poema. Martins (2001) informa sobre a revista:

A capacidade aglutinadora de Presciliana fez daquela publicação o espaço por excelência da mulher escritora da virada do século [...]. Da busca de comportamentos à produção literária feminina [...] percebida como o mais importante veículo de divulgação da poesia feminina. Divulgava a opinião e a colaboração das mulheres envolvidas com as letras. (MARTINS, 2001, p. 375).

Vamos trazer à tona duas dessas vozes que tiveram grande importância, Julieta de Mello Monteiro e Áurea Pires, duas poetisas que por meio de seus escritos tinham a intenção de contribuir para o aprimoramento intelectual da mulher. Vozes que não figuraram no cânone, mas que se alinharam com as publicações pós-românticas e neo-simbolistas dos poetas homens da época.

VOZES FEMININAS DA REVISTA *A MENSAGEIRA*

Julieta de Mello Monteiro nasceu no dia 21 de outubro de 1863, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e faleceu em 27 de novembro de 1928, filha de João Correa de Mello e Revocata Figueroa de Mello. Sua família era composta de três irmãos, João, Otaviano Augusto e Romeu e de uma irmã, como já mencionado, Revocata. Nas palavras de Schmidt:

³ Optamos em nosso estudo analisar a escritora Julieta de Mello Monteiro visto que Revocata de Mello na revista *A Mensageira* não publica poemas e sim editoriais.

Julieta de Mello Monteiro manteve com sua irmã uma relação afetiva e intelectual que beirava a veneração. Escreveram em parceria com tal frequência, que se estabeleceu uma incomum identificação da voz literária de uma com a da outra. (SCHMIDT, 2004, p. 306).

Monteiro publicou *Prelúdios* (1881), sua primeira obra aos dezenove anos, o seu segundo livro foi *Oscilantes* (1891), o qual foi prefaciado pelo parnasiano Luís Guimarães. Ambas produções poéticas. Schmidt elucida que

o núcleo da obra de Julieta de Melo Monteiro é a produção poética. O seu trabalho com a palavra foi não somente uma forma de sobrevivência, mas, sobretudo, uma forma de resistência ao aniquilamento do Eu em face à corrosão do tempo e à experiência dolorosa de perdas, fatores determinantes na sua trajetória pessoal. (SCHMIDT, 2004, p. 308).

A poesia de Monteiro procurou enfatizar um passado de alegrias e um presente de ausências, de tristezas, como menciona Schmidt (2004). Suas penas deixaram transparecer uma paisagem evocativa, já anunciando o Simbolismo. Schmidt (2004) considera-a uma autora pré-simbolista. Vejamos o poema, intitulado “Recordando”, publicado na revista *A Mensageira*, em seu número 24, de 30 de setembro de 1898:

Em noites estivaes, formosas, encantadas,
Quando passam no ar as auras, perfumadas
E o céu é todo anil, sereno, transparente
Como a face de um lago a murmurar dolente
Uma queixa de amor, um hymno de poesia,
Um merencório adeus ao despedir do dia,
Aprez-me decerrar do coração as portas
E fazer reviver as illusões já mortas.
Repassando na mente uma por uma as crenças
Que perderam-se alem, entre as caligens densas
Das noites sem luar, das noites tenebrosas
Tristes como o gemer das ondas marulhosas...
Aprez-me recordar os já passados dias,
Quadra de risos bons, de santas alegrias,
Dos meus sonhos gentis, das minhas esperanças
Que depois, vi partir, bando de pombas mansas.
Travessas, ideaes, deixando os pátrios lares
Onde ficaram sós meus intimos pesares!
E é tão grato lembrar que a f'licidade um dia



A fronte nos beijou n'uns éstos de magia,
Que embora venha a dôr, os múltiplos tormentos
Nos seus braços fataes, nos apertarem lentos.
Guardamos sempre n'alma em amoroso encanto
Funda recordação do que enlevou-nos tanto!

Oh tempo seduetor! oh tempo feiticeiro
Porque não voltas, tu com teu sorrir fagueiro
Meu pobre coração a engrinaldar de flores.
Ditoso a se embalar na rede dos amores?!
Que importa que o tufão passasse desabrido
Derrubando sem dó todo o rosai florido
Desse vasto jardim de nossos sonhos bellos,
Onde se erguem também phantásticos castellos?
Após a tempestade a paz procura a terra,
Mas ah, no peito meu constantemente erra
O phantasma da dôr, que chora soluçante
Um passado feliz, ditoso, fulgurante!

Por isso nunca mais cessou a tempestade
Que um dia derrubou-te, oh minha f'licidade!
(MONTEIRO, 1987, p. 372-373).

Constatamos a melancolia da poetisa, a oscilação entre os dias que já se foram com sentimentos bons e o presente trazendo à tona seu sofrimento. A vida de Monteiro foi de grandes perdas, sua mãe, ainda menina, o irmão e o marido. E, isso tudo pode ser entendido como um resquício do subjetivismo romântico. Em seu poema “as noites não tem luar e são tenebrosas, ficando apenas a recordação de bons dias”. O eu lírico chora suas perdas e sugere um ambiente nostálgico, circulando entre recordações boas e o presente de solidão. A atmosfera do poema remonta alguns traços do período romântico caracterizado como “mal do século”. Todavia, a alusão às paisagens, como o “noites estivaes, formosas, encantadas”, “céo é todo anil, sereno, transparente” evoca um prenúncio do movimento simbolista. Schmidt (2004) confirma o memorialismo a um passado feliz.

Atentamos para as rimas do poema ao final dos versos: encantadas/perfumadas; transparente/dolente; poesia/dia, entre outras que podem ser classificadas, segundo Goldstein (2011) como consoantes. Além disso, o poema de Monteiro apresenta uma riqueza vocabular, um apurado trabalho com a linguagem, ressaltando a grandiosidade de seu escrito, embora não figure na historiografia literária. O uso das aliterações como por exemplo “Que depois, vi partir, bando de pombas mansas./ Travessas, ideaes, deixando os pátrios lares /Onde ficaram sós meus

intimos pesares!”, cria a atmosfera de tristeza e melancolia. A repetição da letra “p” e a nasalização contribuem para o clima de tristeza e disseminação da interioridade da poetisa. Schmidt (2004, p. 307) indica que “no verso, no conto, no drama e no ensaio, a palavra idealista e propugnadora cede terreno à palavra terna e desiludida, justificando o pseudônimo que adotou em muitos de seus escritos: A Penserosa”.

A utilização das rimas ao longo do poema e das aliterações demonstra que a autora estava alinhada com as publicações do período pós-romântico, já apontando para uma temática simbolista da natureza. E, isso é a grande inovação no estudo de Julieta de Mello Monteiro. Se revisarmos a historiografia literária o nome da autora não é mencionado. Alfredo Bosi na obra *História concisa da Literatura Brasileira* (1995) não menciona nenhuma poeta feminina. O mesmo acontece na obra *Formação da Literatura Brasileira*, de Antônio Candido (2000).

Alma e coração (1897) foi um livro composto de pequenas narrativas, e nas palavras de Schmidt (2004) dedicado aos seus irmãos. Em *Terra Sáfara* (1928 – edição póstuma) foram publicados poemas. Em parceria com a irmã, Revocata Heloísa de Mello publicaram *Coração de mãe* (1893) e *Berilos* (1911)⁴. É importante destacar que Julieta de Mello Monteiro e sua irmã vem de um berço literário. A mãe, Revocata dos Passos Figueiroa e Melo, foi uma reconhecida escritora.

A autora, Julieta Monteiro, além de envolver-se com o jornal *Corymbo* publicou a Revista *Violeta* entre 1878 e 1879. Foi responsável por trazer à tona a discussão da causa feminina. Julieta e sua irmã, defenderam os direitos das mulheres e o feminismo. Francisco das Neves Alves e Luciana Coutinho Gepiak (2018) em seu estudo sobre as Irmãs Mello esclarecem que

elas tiveram também uma grande preocupação de cunho social, movendo campanhas pela abolição da escravatura e no sentido de mitigar a pobreza e combater as mazelas sociais. Politicamente, sustentaram uma perspectiva mais liberal, tanto que, após a proclamação da República, filiaram-se à oposição federalista, colocando-se na luta e na resistência contra o modelo autoritário que dominou o Rio Grande do Sul durante décadas, com a ditadura castilhistaborgista. Além disso, a batalha mais incessante movida pelas irmãs

⁴ Informação retirada da obra ALVES, Francisco das Neves; GEPIAK, Luciana Coutinho. *As Irmãs Melo: escrita feminina e parceria literária no Brasil Meridional (Berilos, 1911)*. Lisboa, Rio Grande, 2018.

Melo foi aquela em prol das transformações na condição social feminina (ALVES; GEPIAK, 2018, p. 08).

Essa batalha em relação às causas feministas aparece não somente no jornal dirigido por Monteiro e sua irmã Revocata, mas nas suas contribuições à revista *A Mensageira*, não perdendo de vista o supracitado como sendo uma das bandeiras do periódico. Outro poema de Julieta de Mello Monteiro que merece destaque publicado na Revista *A Mensageira*, em 15 de setembro de 1898 é “Tela sombria”, vejamos:

Tela Sombria

Morros ao fundo, em frente um descampado
Largo, imenso, estendendo-se infinito!
A’ esquerda o rio, triste, descorado,
Espelhando as montanhas de granito.

O céu trevoso, escuro, carregado
Mais que o remorso n’alma do precito;
E alem, fugindo, um negro bando alado
Cortando os ares vae soltando um grito.

Nem uma choça, um lar, nem um tugurio,
Do mar á beira, onde o subtil murmúrio
Da mansa ondina, fosse um terno harpejo;

E onde um casal em plena juventude.
Sadio, forte, muito embora rude.
Soletrasse canções ao som de um beijo.
(MONTEIRO, 1987, p. 361)

Temos um soneto e as rimas estão ao final dos versos: descampado/descorado; infinito/ granito. O poema alude à temática da natureza, contudo de uma forma melancólica e evidenciando um contraste, ou seja, o céu está escuro e o rio triste. Interessante que são atribuídas características humanas ao rio, triste espelhando as montanhas de granito. O granito é uma rocha fria, portanto, temos uma ausência de sentimentos. No entanto, nos últimos versos o eu lírico deseja um casal que soletrasse canções ao som de um beijo. A temática alude à natureza e nos remete ao sentimento melancólico do romantismo com uma pitada de simbolismo. Assim, percebemos que os poemas da autora tinham a intenção de levar aos lares poesia de qualidade, como os de Gonçalves Dias. Buitoni (1986, p. 33) demonstra que as

revistas e os jornais eram a expressão da voz feminina sufocada nos lares, a expressão do literário.

Outro nome que se destacou na revista *A Mensageira* foi Áurea Pires. A poetisa nasceu no Rio de Janeiro, no dia 02 de fevereiro de 1876 e veio a falecer em 10 de outubro de 1949. Era filha de Trajano Augusto Pires e Dionísia Maria da Fonseca Pires. Viveu entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, entre os anos de 1885 e 1903. No ano de 1906 mudou-se para Cruzeiro, em São Paulo, onde fixou residência. Ali, junto com a irmã Maria Noêmia, fundou o Externato Cruzeiro, dedicando-se ao magistério. Isso porque sua real intenção era seguir o curso de Farmácia, porém seu pai não aceitou, visto que era um curso eminentemente masculino.

A primeira publicação da autora, *Flocos de neve*, foi em 1898, época que ainda residia em Minas Gerais, na cidade de São João Del Rei. Vasconcellos (2004) informa que os versos foram escritos antes de a poetisa completar vinte anos. A obra foi muito bem-vinda pela crítica da época. Maria Clara da Cunha Santos, na revista *A Mensageira*, de 15 de agosto de 1898, na coluna “Carta do Rio” argumenta:

Lendo as poesias de Áurea, a gente, involuntariamente, se lembra de Luiz Guimarães Júnior. São fluentes e naturais os versos, inspirados quase todos nas belezas da natureza, nos sentimentos generosos e sobretudo no amor sincero e nobre que tanto eleva e arrebatava as criaturas! Ninguém encontra uma palavra forçada nos versos desta poetisa. A rima é fácil sem ser banal; a cadência é doce e a factura natural. (SANTOS, 1987, p. 322)

Nos anos seguintes outras publicações da poetisa se sucederam, como *Pétalas*, em 1908 e *Paquetá*, em 1919, já com o nome de casada, Áurea Pires da Gama. A poetisa se casou em 1912 com o escritor Chichorro da Gama. No ano de 1922 publicou seu último trabalho *Entre o mar e a floresta*. Na revista *A Mensageira*, a autora publicou 15 poemas, entre os anos de 1897 a 1899. Transcrevo abaixo um deles, intitulado “Hiemal”, publicado em 30 de abril de 1898, no número 14, de *A Mensageira*.

Approxima-se o inverno espalhando na serra
Nebulosas que vão sobre as azas do vento
Ondeando levemente... ondeando... no momento
Em que a luz da alvorada a escuridão desterra.
No immaculado azul do vasto firmamento
O sol mais scintillante a palpebra descerra...



Dardeja livremente os raios sobre a terra
E no ocaso por fim se apaga lento e lento!...

E quando a noite chega e silenciosa invade
A extensão da planície e a doce claridade
Da lua vem bater na face da lagoa,

Na casinha de palha a pobre lavadeira
Assentada no chão, bem perto da fogueira
Cantigas do seu tempo em voz queixosa entôa!
(PIRES, 1987, p. 220)

É possível notar nas linhas da poetisa traços do simbolismo, principalmente, pelo apelo aos temas da natureza, “o inverno espalhando na serra” e a alusão aos sentimentos e as cores. O último terceto, encerra-se com uma descrição do sertão, voltando à ideia de natureza. A maioria de seus escritos poéticos são sonetos, os quais foram inspirados no romantismo, conforme informa Vasconcellos (2004), Castro Alves e Casimiro de Abreu foram os poetas de grande admiração da autora. O eu lírico celebra a simplicidade da vida por meio de vocábulos que emitem a sensação de beleza e de naturalidade, lembrando o período simbolista, como mencionado.

O poema “Hiemal” foi dedicado a Arthur Andrade, um colaborador da revista *A Mensageira* e também poeta. Luca (1999) informa que Andrade foi jornalista além de poeta, um autodidata e assíduo no periódico. Estava entre os simpatizantes da diretora da revista, Presciliana Duarte de Almeida, sobressaindo-se em seus escritos poemas mais despojados com uma ligação mais popular. Isso se compararmos ao ideal da época, o formalismo simbolista.

Andrade, em 15 de março de 1899, no número 26, de *A Mensageira*, escreveu uma crítica ao livro de poemas *Flocos de neve*, de Áurea Pires.

Aurea Pires é dotada, como poucas, da arte de saber pintar finamente o que lhe impressiona os sentidos. Sua lyra, que estremece, embevecida, perante o vermelho esplendor dos ocassos, é a mesma que desfere canções de uma ruidosa e trovadoresca alegria ao festivo alvorecer das madrugadas mineiras; é a mesma lyra que estribilha o madrigal dos ninhos, a voz das aves e das fontes, o rumor das verdes ramarias (...). (ANDRADE, 1987, p. 29)

Os dois poetas eram colaboradores da revista e Pires dedica seu poema a Andrade, ao passo que ele retribui elogiando, um período depois, seus poemas do livro *Flocos de Neve*. O

mais significativo de tudo isso é o fato de termos um sujeito masculino, o poeta Andrade, publicando em uma revista dedicada à mulher brasileira, e reconhecendo o valor literário dos escritos de Pires. Destacamos outro poema da autora, esse que foi publicado no primeiro número da revista *A Mensageira*:

Contraste

Talvez nest'hora em que a chorar suspiro
Lembrando-me de ti, saudosa e afflicta,
Bem junto estejas da mulher bonita
Que te escravisa o coração que aspiro.

E enquanto eu soffro aqui no meu retiro
O ciume atroz que no meu peito excita
Cada vez mais essa paixão maldita,
E de raiva e de dor quasi deliro;

Em paragem risonha, enflorescida,
Talvez tu'alma esteja n'um transporte
Toda inteira em su'alma transfundida!

— Bem diversa da tua é minha sorte;
No seio de outra encontras tu a vida,
E eu na tua inconstância encontro a morte!
(PIRES, 1987, p. 13)

O poema de Áurea Pires foi publicado na primeira edição da revista *A Mensageira* e tem como temática o amor. É inspirado no romantismo. O eu-lírico chora o amor que perdeu, como vimos no último terceto. Temos um soneto, com rimas nos quartetos ABBA e nos tercetos CDC, DCD, como vemos em: retiro/ deliro; excita/ maldita; enflorescida/transfundida; sorte/morte. Quanto ao título “Contraste” podemos inferir a dualidade de sentimentos expressa, ou seja, o eu-lírico sofre pelo amor que perdeu, enquanto o seu amor está nos braços de outra mulher. Temos um sentimento melancólico de perda, de saudade, típico do romantismo.

Frisamos que essa forma de expressar o sentimento de saudade é inovadora na poesia de Áurea Pires. O primeiro número da revista *A Mensageira*, além de deixar claro como já falamos os ideais da revista, apresentou um poema escrito por uma mulher que chora a saudade de um amor, um homem. Esse era um sentimento que as mulheres não expunham ao público. Não era comum uma mulher escrever um poema lamentando a perda de um homem. E, isso

mostra a força de seus escritos. Martins (2001, p. 375) revela que a revista *A Mensageira* foi importante para divulgar a poesia feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, percebemos a grandiosidade dos escritos de Monteiro e Pires e a relevância da revista *A Mensageira*. Para o sujeito feminino foi um grande passo rumo a conquista de seu lugar no espaço literário. A revista *A Mensageira* trouxe à tona vozes da resistência, mulheres que publicaram e tiveram uma importância gigantesca em sua época, rumo à luta pelo reconhecimento de seu lugar na sociedade. Além de exporem, por meio de seus escritos, na imprensa seus sentimentos como vimos com Monteiro e Pires. Muzart (2003) pondera que

ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. (MUZART, 2003, p. 225).

Muitas delas, poetisas, cronistas, enfim as vozes emergentes femininas, não figuraram nos manuais de literatura e talvez, nem sejam mais lembradas. Por isso, estudar as autoras Julieta de Melo Monteiro e Áurea Pires, que foram e ainda são mulheres revolucionárias, é de suma importância para a consolidação da escrita feminina no século XIX no Brasil. Fato que marca a atuação delas na Literatura Brasileira. Registra-se também a iniciativa de publicar a edição fac-similar da revista *A Mensageira*, o que possibilitou o estudo desse valioso periódico de divulgação de textos da imprensa feminina. Zinani (2019) elucida sobre *A Mensageira*:

As ideias expostas em *A Mensageira*, no final do século XIX, constituem um encorajamento para que as leitoras possam conhecer pensamentos novos, outras opiniões, desfrutar do talento artístico de escritores e escritoras que nela publicam poemas, contos, crônicas. (ZINANI, 2019, p. 30).

Podemos constatar ao longo de nosso estudo que a revista trouxe à tona textos literários de alta qualidade, como os poemas de Julieta de Mello Monteiro e Áurea Pires. As escritoras colaboradoras da revista *A Mensageira* merecem ser estudadas e figurar na historiografia

literária brasileira porque seus poemas estavam em consonância com o pós-romantismo, já apontando para o simbolismo. A temática da natureza e da melancolia foi muito bem explorada. Sabe-se que no período a maioria dos poetas românticos escreviam sobre a mulher amada. O inovador é uma mulher escrever sobre a perda de um homem, como faz Áurea Pires.

Julieta de Mello Monteiro focalizou em seus poemas a melancolia e a tristeza, uma das bandeiras do romantismo, e isso fez de seus escritos ousados. A mulher deveria ter apenas sentimentos bons e maternais, todavia Monteiro trouxe à luz da discussão um lado triste e nebuloso. Com isso, percebemos a importância da revista *A Mensageira*, levando aos lares poesia de qualidade.

Essas escritoras foram vítimas do esquecimento, como muitas outras autoras do século XIX. Por isso, ressaltamos que o resgate de escritoras é valioso a fim de contribuir para as novas histórias literárias brasileiras. Autoras que obtiveram êxito na defesa da causa feminista e na escrita da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas Palavras. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.01-02. v. I.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de. Entre amigas. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.04-05. v. I.
- ALVES, Francisco das Neves; GEPIAK, Luciana Coutinho. *As Irmãs Melo: escrita feminina e parceria literária no Brasil Meridional (Berilos, 1911)*. Lisboa, Rio Grande, 2018.
- ANDRADE, Arthur. Flocos de neve. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.29. v. II.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1985.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. Editora Ática, 1986.
- CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira: (momentos decisivos)*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- DEL PRIORE, M. 500 anos de amor. In: *Época*, São Paulo, 12 dez. 2005. p. 52.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e Literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

- GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 14 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Ática, 2011.
- LUCA, Leonora de. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>. Acesso em: 30 nov. 2019.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KAMITA, Rosana Cássia. Revista “A Mensageira”: alvorecer de uma nova era? In: *Revista Estudos Feministas*, v. 12, Florianópolis, set./dez. 2004, p.164-168. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300018>. Acesso em: abr. 2020.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp; Fapesp; Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MONTEIRO, Julieta de Mello. Recordando. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p. 372-373. v. I.
- MONTEIRO, Julieta de Mello. Tela Sombria. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p. 361. v. I.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres do século XIX. In: *Estudos feministas*, Florianópolis, v.11, n.1, p.225-233, jan./jun. 2003.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.
- PIRES, Áurea. Contraste. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p. 220. v. I.
- PIRES, Áurea. Hiemal. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p. 13. v. I.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana D. de (ed). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p. 322. v. I.
- SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. Imprensa feminina no Brasil oitocentista: a presença de Andradina de Oliveira em A Mensageira, revista literária dedicada à mulher brasileira. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*. Caxias do Sul: Educus, 2019. p. 63 – 82.

SCHMIDT, Rita Teresinha. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres, 2004. p.306-319. vol. II.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: Mary Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

VASCONCELLOS, Eliane. Áurea Pires. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Mulheres, 2004. p. 738-758. vol. II.

VIEIRA, Míriam Steffen. *Atuação literária de escritoras no Rio Grande do Sul: um estudo do periódico Corymbo, 1885-1925*. 165p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *A Mensageira: lócus de resistência feminina no século XIX*. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Imprensa feminista e literatura: contribuições da revista A Mensageira*. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 11-35.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica feminista. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009. p. 217 - 242.